

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO

DESPACHO DO PRESIDENTE
Em 13 de maio de 1997

Nº 17 -

Assunto: Processo FUNAI/BSB/2576/93. Referência: Terra Indígena KANTARURÉ. Interessado: Grupo Indígena Kantaruré. EMENTA: Aprova o relatório circunstanciado de identificação e delimitação da Terra Indígena em que se refere, com fulcro no Decreto nº 1.775, de 8 de janeiro de 1996.

O PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI, tendo em vista o que consta no Processo FUNAI/BSB/2576/93, e considerando o Resumo do Relatório de Identificação, de autoria dos antropólogos José Augusto Laranjeiras Sampaio e Sheila dos Santos Brasileiro, que acolhe, face as razões e justificativas apresentadas, decide:

1. Aprovar as conclusões objeto do citado resumo para afinal, reconhecer os estudos de identificação da Terra Indígena KANTARURÉ, de ocupação do respectivo grupo tribal Kantaruré, com superfície e perímetro aprovados de 1.695 hectares e 16 km respectivamente, localizada no município de Nova Glória, Estado da Bahia.

2. Determinar a publicação no Diário Oficial da União e Diário Oficial do Estado da Bahia, do Resumo do Relatório Circunstanciado, Memorial Descritivo, Mapa e Despacho, na conformidade do § 7º do art. 2º do Decreto nº 1.775/96.

3. Determinar que a publicação referida no item acima, seja afixada na sede da Prefeitura Municipal da situação do imóvel.

JÚLIO MARCOS GERMANY GAIGER

RESUMO DO RELATÓRIO DE IDENTIFICAÇÃO E DELIMITAÇÃO DA TERRA INDÍGENA KANTARURÉ

Referência: Processo FUNAI/BSB/2576/93. Denominação: Terra Indígena Kantaruré. Localização: Município de Nova Glória, Estado da Bahia. Superfície: 1.695 ha. Perímetro: 16 km. Sociedade Indígena: Kantaruré. População: 244 pessoas (1996). Identificação e Delimitação: Grupo Técnico - Portaria nº 1077/PRES/95, coordenado pela antropóloga Sheila dos Santos Brasileiro.

I - Primeira Parte: Dados gerais

a) Os Kantaruré são descendentes da população indígena que, originalmente, habitava o trecho do submédio rio São Francisco entre a cachoeira de Paulo Afonso e a embocadura do rio Pajeú e as caatingas, brejos e serras adjacentes. Estes índios aparecem, nas fontes históricas dos séculos XVII e XVIII, designados como "Pancararu", "Brancararu", ou "Caruru".

Essa população foi, a partir do final do século XVII, reunida em aldeias à margem do grande rio por missionários jesuítas, franciscanos e capuchinhos. Dentre estas se destacam, no trecho supra indicado do rio, as de Sorobabé, Caruru e, em especial, Curral dos Bois, origem da atual cidade de Glória. Estas missões, contudo, não perduraram mais que até a primeira metade do século seguinte e, a partir de então, a população indígena aí remanescente passou a sofrer, mais diretamente, as pressões coloniais, sobretudo de pecuaristas interessados nas terras mais férteis à margem do rio, de onde foi forçada a se retirar, buscando locais de refúgio e resistência nos brejos e altos de serra dispersos na caatinga adjacente e integrantes do seu antigo território de dispersão e perambulação.

Já em meados do século XIX é possível identificar a consolidação de dois destes novos núcleos formados população indígena egressa de Curral dos Bois: um em Brejo dos Padres, no lado pernambucano do rio, onde vivem os atuais Pankararu; e outro no Brejo do Burgo, do lado baiano, território dos seus "parentes" Pankararé. Ainda ao final daquele século, o primeiro destes núcleos daria origem a outros dois, em localidades próximas: o dos atuais Jiripankó, no extremo ocidental do Estado de Alagoas, e o dos Kantaruré, na localidade da Batida, próxima à margem baiana.

As perdas culturais não possibilitam, hoje, uma identificação lingüística dessa população, embora os dados documentais e de história oral permitam claramente identificar uma certa unidade cultural entre os quatro grupos supra citados, além da unidade histórica dada pela passagem na missão do Curral dos Bois.

As condições determinantes da atual distribuição destes grupos, inclusive dos Kantaruré, estão muito diretamente ligadas ao processo colonial: uma vez aliados da várzea do São Francisco, procuraram, na caatinga, áreas menos cobiçadas pela população colonial, mas onde a existência de brejos ou encostas de serras garantisse a umidade necessária à prática de alguma agricultura e a presença, ainda que residual, de caça.

Os Kantaruré têm hoje uma população de 244 indivíduos, distribuída em suas duas aldeias da Batida (143) e das Pedras (101) que distam entre si três quilômetros e se situam, ambas, próximas à vertente setentrional da Serra Grande, a menos de uma légua da margem direita do São Francisco.

b) O grupo kantaruré tem sua origem há pouco mais de um século, quando a pankararu conhecida como Rosa Baleia deixou sua aldeia no Brejo dos Padres para se unir a Balduino, morador da localidade de Olho d'Água dos Coelhos, situada junto à vertente meridional da Serra Grande. O casal fixou sua residência e roçados na vertente oposta da serra onde geraram seus treze filhos e deram origem à aldeia da Batida. Todos os Kantaruré são seus descendentes.

Há pouco mais de meio século, dois netos de Rosa e Balduino, Arcelino e Bregídio, casaram-se com filhas de um morador da localidade próxima de Baixa das Pedras de Baixo ou, simplesmente, Pedras.

c) Não se dispõe de informações seguras sobre eventuais práticas de secessão dos índios do submédio São Francisco no período pré-colonial. A partir da colonização, estas práticas estiveram muito claramente marcadas por condicionantes do próprio processo de conquista, em especial a ocupação colonial das melhores terras situadas na várzea e a escassez de terrenos agricultáveis na caatinga circundante que forçou a população indígena a novas dispersões no período pós-missionário, ao longo dos séculos XIX e XX.

No caso Kantaruré, conforme exposto acima, a realização de uniões interétnicas está na origem do próprio grupo, assim como das suas duas aldeias. Nas atuais condições, contudo, a indisponibilidade de terras no entorno da área, em especial após a construção da represa de Itaparica, torna bastante improvável a reprodução dessa estratégia de expansão.

Por outro lado, como quaisquer comunidades camponesas do Sertão nordestino, os Kantaruré recorrem intensamente às migrações, temporárias ou definitivas, para cidades próximas ou, freqüentemente, para grandes metrópoles nacionais, como forma de reprodução do seu excedente populacional.

II - Segunda Parte: Habitação permanente

a) Como típicos núcleos rurais da caatinga, as aldeias kantaruré têm uma configuração espacial dispersa, com as residências das famílias nucleares dispostas irregularmente e distantes umas das outras, separadas por grandes terreiros e mesmo por áreas de roçados. As residências de uma mesma família extensa tendem a se dispor mais proximamente entre si e não é infrequente que famílias aparentadas ocupem, ainda que transitoriamente, uma mesma unidade domiciliar. No caso da Batida, uma pequena concentração ocupacional se verifica no entorno do prédio escolar e da casa-de-farinha.

A Batida tem 143 habitantes, distribuídos em 31 famílias e 24 domicílios, enquanto que nas Pedras moram 101 kantarurés, em 24 famílias e 13 residências.

As duas aldeias se situam junto às extremidades de nordeste e de noroeste da Terra Indígena e seus terrenos de cultivo e moradia confinam, aí, respectivamente, com os das localidades vizinhas de Salgadinho dos Benícios e Baixa das Pedras. Em direção, ao sul, por sua vez, esses terrenos se estendem até o sopé da Serra Grande, território predominantemente destinado às atividades de caça e coleta do grupo.

b) Os critérios adotados pelo grupo para localização, construção e permanência de suas aldeias obedeceram antes a compulsões de ordem externa que a sua livre escolha. O território Kantaruré é dos mais pobres dentre aqueles que podem ser considerados agricultáveis na região. Situado em meio a uma caatinga muito seca, a escassa umidade existente na base da encosta junto à qual estão as aldeias pode ser referida como um mínimo condicionante positivo para sua localização.

Conforme já indicado, as duas aldeias não apresentam um padrão regular de ocupação, alternando moradias e roçados em uma extensão aproximada de 100 hectares em cada caso. Têm, por outro lado, uma existência bastante estável, há mais de cem anos, no caso da Batida, e mais de cinquenta anos, no caso das Pedras.

III - Terceira Parte: Atividades produtivas

a) Os Kantaruré são, essencialmente, pequenos agricultores do semi-árido nordestino. Assim, sua atividade produtiva fundamental é a agricultura de cultivos alimentares, destacadamente de tubérculos (mandioca) e favas (feijão), aos quais se associam cereais (milho) e muito poucas variedades de hortaliças.

Seguindo um padrão típico do campesinato regional, os roçados são desenvolvidos com base na posse e no trabalho familiares, com recurso eventual a círculos mais amplos de cooperação - família extensa, vizinhança - para as tarefas mais trabalhosas. Merece destaque o trabalho de processamento da mandioca nas casas-de-farinha de cada aldeia, tarefa que ocupa diuturnamente quase toda a população nos meses finais do ano agrícola.

A baixa fertilidade dos solos não permite uma ocupação agrícola intensa. Conforme indicado acima, muitos roçados situam-se junto às próprias residências, formando com estas áreas contínuas de moradia e trabalho. Outros roçados, porém, estendem-se até o sopé da Serra Grande, configurando uma ocupação agrícola dispersa que ocupa toda a metade norte - cerca de 800 hectares, inclusive as aldeias - do território tradicional.

A carência de recursos produtivos faz com que os roçados sejam em geral reduzidos, raramente ultrapassando a três tarefas (cerca de um hectare). Por outro lado, a natural insegurança da atividade agrícola no polígono das secas faz com que quase todas as famílias optem por manter roçados em diferentes localidades, assim, cada uma delas tem, em média, dois ou três roçados. Pouco extensos e dispersos, estes roçados, como é comum na caatinga, situam-se em "cercados", deixando os terrenos geralmente mais pobres à sua volta livres para o criatório extensivo, um recurso que a extrema pobreza da maioria dos kantaruré não lhes permite explorar, mesmo nas precárias condições locais, e muito poucas famílias dispõem de algumas poucas cabeças de caprinos. Deste modo, apenas o criatório doméstico de galináceos e poucos suínos merece algum destaque.

Uma tal escassez de proteína animal faz com que a caça, embora também escassa no território tradicional dos Kantaruré, desempenhe papel relevante, o que dá bem a medida de importância da mata residual que ainda recobre parte da encosta norte da Serra Grande, a metade sul do território kantaruré com cerca de 800 hectares. Aí se encontram algumas espécies de pequenos mamíferos, aves e répteis da fauna própria à caatinga, aos quais os kantaruré recorrem com frequência como complemento à sua dieta.

Esta área fornece ainda a maior parte dos produtos de coleta, inclusive a lenha, mas sobretudo frutos, recursos cruciais nos não infrequentes períodos de seca, quando chegam a ser o único alimento disponível.

Também predominantemente nestes períodos os Kantaruré são levados a buscar trabalho remunerado fora do seu território, seja nos centros urbanos da região, seja nas grandes metrópoles ou centros agrícolas nacionais, para onde alguns chegam a migrar em caráter definitivo.

Merece registro, por fim, o recurso complementar à pesca no rio São Francisco, um manancial que compartilha com dezenas de comunidades circunvizinhas e cujo trecho próximo a seu território está atualmente constituído pelo lago da hidrelétrica de Itaparica.

b) A economia kantaruré pode ser definida, "grosso modo", como "de subsistência", posto que voltada fundamentalmente para o autoconsumo, com poucos excedentes comercializáveis de farinha de mandioca, feijão e frutos como o caju.

Outra característica marcante desta economia é certamente a sua pobreza e fragilidade, o que pode ser bem avaliado pela visível presença de desnutrição, sobretudo infantil, pela migração e pela escassez de recursos produtivos.

As alterações ocorridas na economia tradicional desde a penetração colonial são devidas, fundamentalmente, à restrição territorial e a crescente competição e escassez de recursos nativos da fauna e flora, o que conduziu à crescente sedentarização e dependência dos Kantaruré da atividade agrícola, em detrimento da caça e da coleta.

Assim, as dificuldades técnicas e ambientais para que se desenvolva uma agricultura satisfatória nas condições locais e em território limitado são os principais desafios a serem enfrentados pelos kantaruré uma vez regularizado seu território, o que sugere a necessidade de investimentos, dentre os quais, certamente, está em seu horizonte o recurso à irrigação, propiciada pela disponibilidade, nas proximidades, de fato manancial hídrico.

c) Ao longo dos últimos dez anos os Kantaruré têm estreitado seu relacionamento com os vizinhos Pankararé, o que foi fundamental no seu processo de "resgate" de direitos, e também com os Pankararu - de quem são descendentes -, os Tuxá de Rodélas e a pequena comunidade Xukuru-Kariri que recentemente se instalou próximo ao povoado da Quixaba, a três léguas do território kantaruré.

O longo tempo de convivência entre sociedades indígenas e segmentos coloniais na região faz com que os Kantaruré, como seus vizinhos indígenas, sejam quase que culturalmente indistinguíveis da sociedade envolvente, não fora a indelével marca étnica imprimida em seu relacionamento com esta, em que se destaca a consciência de sua origem específica.

Os Kantaruré mantêm vínculos próximos, inclusive de casamento, com as comunidades vizinhas de Olho d'Água dos Coelho, Baixa das Pedras e Salgadinho dos Benícios, embora tais relações, sobretudo com a última, nem sempre possam ser caracterizadas como amistosas.

Por outro lado, a precariedade da economia kantaruré faz com que, apesar da proximidade, seja escasso o seu trânsito pelos centros urbanos vizinhos de Glória, Paulo Afonso e Petrolândia.

IV - Quarta Parte: Meio Ambiente

a) A encosta setentrional da Serra Grande pode ser identificada como a área onde estão reunidos os elementos imprescindíveis à preservação dos recursos necessários ao bem estar econômico e cultural do grupo. Esta área é constituída por um terreno íngreme e pedregoso, pouco propício à agricultura, que mede de mil a mil e quinhentos metros entre sua base e seu topo, e se estende por cerca de cinco quilômetros ao longo do limite sul do território kantaruré.

b) São fundamentalmente duas as razões pelas quais tal área é imprescindível e necessária aos Kantaruré, quais sejam:

1 - a de abrigar a mata residual que permite a reprodução da caça e fornece recursos indispensáveis e indisponíveis em outras faixas do território, como os frutos e palmitos que resistem às secas e as reservas de lenha;

2 - a de abrigar as únicas e escassas fontes de água do território, as quais alimenta os precários reservatórios no sopé da serra dos quais se serve a comunidade.

V - Quinta Parte: Reprodução Física e Cultural

a) Embora não se disponha de dados específicos sobre taxas de natalidade e mortalidade do grupo nos últimos anos, o exame da sua pirâmide etária indica claramente a prevalência de índices altos de natalidade e também de mortalidade que, se não chegam a ser exorbitantes para a idade adulta, são, certamente, superiores às médias nacional e regional, havendo também uma incidência destacável de mortalidade infantil. Além disto, o agudo declive da pirâmide certamente se explica também pela significativa emigração da população em idade ativa.

Apesar destes fatores, a taxa de natalidade nitidamente garante uma tendência de franco crescimento demográfico, o que pode também ser avaliado pela comparação dos atuais dados censitários - 244 habitantes - com aqueles obtidos por Brito (1990) para o primeiro semestre de 1989, quando foi registrada uma população de 177 indivíduos para as duas aldeias kantaruré.

Embora estes números variem também em função da oscilação migratória, inclusive aquela de caráter sazonal, parece possível supor uma potencial duplicação da população kantaruré em período inferior ao de uma geração, isto é, menos que vinte ou vinte e cinco anos.

Isto posto e mantida a atual tendência, há que se considerar dois importantes aspectos na caracterização da reprodução do grupo, dadas, sobretudo, a inelasticidade e limitação territoriais constitutivas do grupo desde a sua origem, a saber:

1 - A emigração é um recurso tradicionalmente acionado pelo grupo - quatro dos nove filhos homens de Balduino e Rosa Baleia migraram jovens para o Piauí e nunca retornaram - e, como tal, é constitutiva de sua organização social e econômica, desde que, evidentemente, possa ser mantida em níveis que não comprometam esta mesma organização;

2 - A nítida pobreza e a precariedade dos meios produtivos disponíveis aos Kantaruré leva forçosamente a que se explicita que, mais além da identificação e delimitação do tradicional território do grupo, já que se considerar, como elemento indissociável do processo de regularização deste, o investimento em sua produtividade. Trata-se, pois, de uma situação em que a verificação e a legitimação de uma tradicionalidade não pode prescindir da adoção de reformas no sistema produtivo - no sentido da agricultura irrigada, por exemplo, facilitada pela vizinhança de um grande reservatório e da disponibilidade regional de tecnologia -, de acordo, inclusive, com as aspirações do grupo.

b) A cosmologia kantaruré se articula a um complexo religioso indígena do sertão nordestino no qual se destacam ritos de possessão - geralmente designados "toré" - associados à cura e ao culto de antepassados e figuras míticas, propiciados pelo uso da jurema e do tabaco. Os "terreiros" de culto e cemitério se localizam no espaço das próprias aldeias.

Além destes, podem ser destacados como relevantes, do ponto de vista cosmológico, os sítios que marcam a instalação do grupo na área, destacadamente o local onde Rosa Baleia e Balduino implantaram seus primeiros roçado e moradia, situado no sopé da Serra Grande.

c) Sendo todo o território ocupado pelos kantaruré economicamente explorado, seja em atividades agrícolas, de criatório extensivo, caça ou coleta, e sendo este território, em suas atuais condições, capaz apenas de manter o grupo em níveis apenas precários de subsistência, parece claro que todo ele deva ser tomado como necessário à reprodução física - e, por via de consequência, também cultural - do grupo.

No que diz respeito, mais especificamente, à reprodução cultural, a possibilidade, resultante do próprio processo de regularização, de vir a dispor de um território claramente exclusivo deve ser assinalada como fator relevante para a afirmação interna e externa do grupo. Além disto, merece registro a incorporação, neste território, dos sítios de relevância histórica e cosmológica mencionados no item anterior.

VI - Sexta Parte: Levantamento Fundiário

a) Há, no território identificado, treze pequenas posses de não-índios que, contudo, não residem nestas.

b) Tais ocupações se localizam de modo esparso nos terrenos mais baixos que constituem a parte norte do território identificado. Sua presença aí remonta a, em média, algumas poucas décadas, sendo, pois, posteriores à consolidação do grupo kantaruré no local. Nenhuma das ocupações atinge uma dezena de hectares ficando, ao contrário, em geral bem abaixo disto. As benfeitorias existentes consistem, basicamente, de alguns cultivos permanentes de árvores frutíferas da caatinga e as construções são, em alguns casos, apenas cercas e, em outros, também pequenas edificações para pousada ou armazenamento, conforme melhor descrito nos formulários de levantamento fundiário que acompanham o relatório de identificação e delimitação.

c) Não foram apresentados títulos de posse ou domínio das ocupações identificadas.
d) Não foram encontrados registros incidentes sobre o território identificado no cartório de imóveis ao qual está jurisdicionado o Município de Glória.

VII - Sétima Parte: Conclusão e Delimitação

A Terra Indígena aqui identificada se estende por 1.695 hectares, com formato aproximadamente retangular, limitada ao sul pela Serra Grande e distando, em seu flanco leste, cerca de três quilômetros da margem direita do reservatório de Itaparica, no rio São Francisco, e de quinhentos a mil metros da pista da rodovia BA-210, à altura do seu quilômetro 38, por onde se faz o acesso às aldeias da Batida e das Pedras, nas proximidades do povoado do Salgadinho dos Benícios.

Os limites da Terra - conforme pode ser melhor observado no mapa e na descrição de limites que acompanham este - seguem, no seu flanco sul, a cumeeada da Serra Grande, limite natural e tradicional entre os Kantaruré e a comunidade do Olho d'Água dos Coelho. Nos demais flancos, os limites são traçados por uma sucessão de pequenas retas que cortam o extenso baixo ao norte da serra, reproduzindo, também aqui, limites tradicionais com outras comunidades sertanejas, a saber: com a Baixa das Pedras, a oeste e noroeste, com a pequena localidade do Mandacaru com a recém implantada agrovila "GS" -do projeto de reassentamento "Borda do Lago", da CHESF-, a norte, e, finalmente, com o Salgadinho dos Benícios, a leste.

Cumpra informar, por fim, que em atenção ao disposto no Artigo 2º da supra-referida Portaria 14/96, contou-se no atendimento do disposto nas partes II a V acima, com a participação do grupo indígena envolvido, tendo as suas manifestações correspondido inteiramente ao entendimento técnico aqui formulado.

SHEILA DOS SANTOS BRASILEIRO

JOSÉ AUGUSTO LARANJEIRAS SAMPAIO

DIRETORIA DE ASSUNTOS FUNDIÁRIOS
DEPARTAMENTO DE DEMARCAÇÃO
MEMORIAL DESCRITIVO DE DELIMITAÇÃO

Denominação
Terra Indígena KANTARURÉ
Aldeias Integrantes
Batida e Baixa das Pedras
Grupo Indígena
Kantaruré
Localização

Município: Nova Glória

Estado: Bahia

Administração Regional: ADR de Paulo Afonso

Coordenadas dos Extremos

Extremo
Norte
Leste

Latitude
09°08'24" S
09°10'07" S

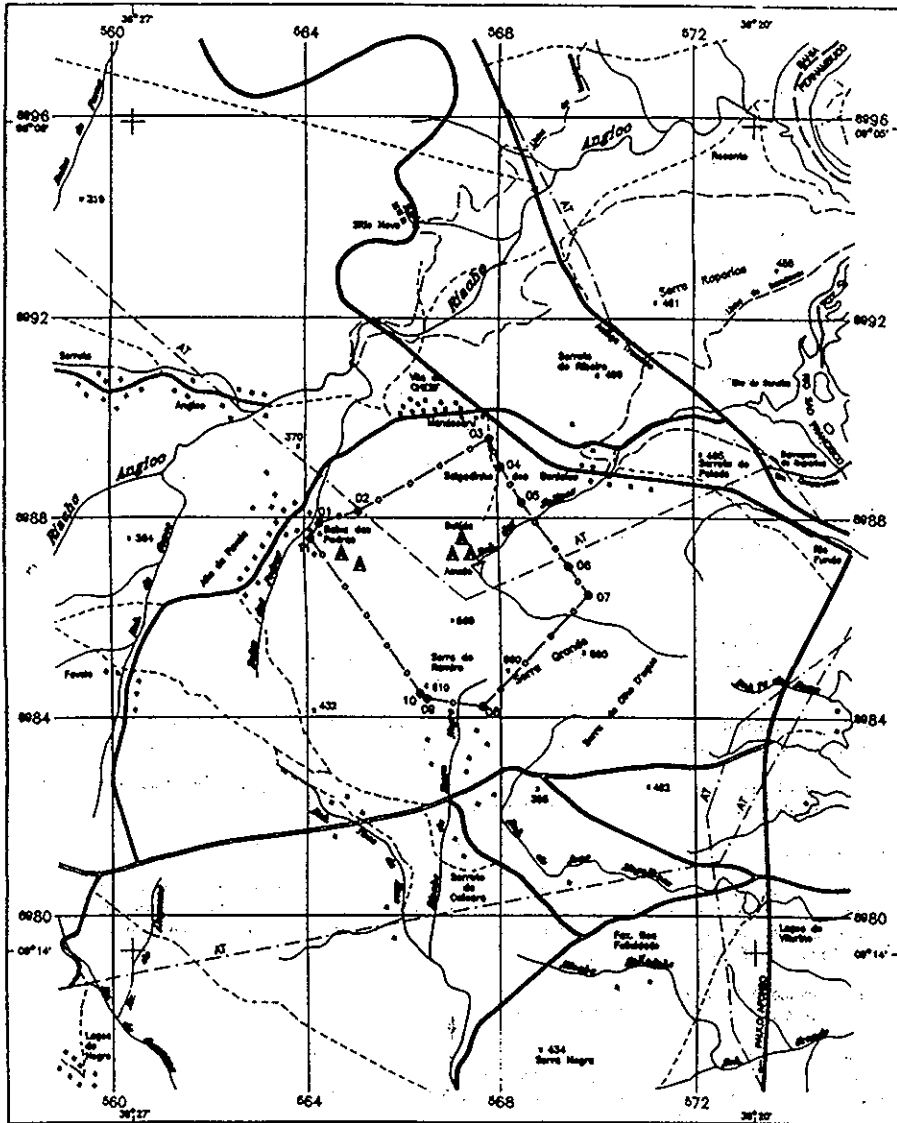
Longitude
38°22'58" Wgr
38°21'53" Wgr

Sul : 09°11'19" S 38°23'03" Wgr
 Oeste : 09°09'30" S 38°24'58" Wgr
 Base Cartográfica
 Escala 1:100.000 Órgão D S G Ano 1985


Dimensões:
 Superfície: 1.695 ha (um mil seiscentos e noventa e cinco hectares) aproximadamente.
 Perímetro: 16 km (dezesseis quilômetros) aproximadamente.

Descrição do Perímetro

NORTE: partindo do Ponto 01 de coordenadas geográficas 09°09'20" S e 38°24'52" Wgr., situado no canto da roça do cacique; segue por uma linha reta, com azimute e distâncias aproximados de 72°55'04" e 817,04 metros, até o Ponto 02 de coordenadas geográficas 09°09'12" S e 38°24'27" Wgr., situado na torre de energia da CHESF nº 303/2; daí, segue por uma linha reta, com azimute e distância aproximados de 61°46'33" e 3.089,30 metros, até o Ponto 03 de coordenadas geográficas 09°08'24" S e 32°22'58" Wgr., situado no canto da cerca da roça do Angelo. LESTE: do ponto antes descrito, segue por uma linha reta, com azimute e distância aproximados de 158°41'11" e 610,77 metros, até o Ponto 04 de coordenadas geográficas 09°08'43" S e 38°22'50" Wgr., situado na curva da estrada que dá acesso a aldeia da Batida; daí, segue por uma linha reta, com azimute e distância aproximados de 147°32'21" e 840,28 metros, até o Ponto 05 de coordenadas geográficas 09°09'06" S e 38°22'36" Wgr., situado no Ponto da Bandeira; daí, segue por uma linha reta, com azimute e distância aproximados de 145°00'07" e 1.579,64 metros, até o Ponto 06 de coordenadas geográficas 09°09'48" S e 38°22'06" Wgr., situado no alto da Serra da Batida; daí, segue por uma linha reta, com azimute e distância aproximados de 145°58'07" e 698,65 metros, até o Ponto 07 de coordenadas geográficas 09°10'07" S e 38°21'53" Wgr., situado no topo da Serra Grande. SUL: do ponto antes descrito, segue por uma linha reta, com azimute e distância aproximados de 223°54'40,2" e 3.088,49 metros, até o Ponto 08 de coordenadas geográficas 09°11'19" S e 38°23'03" Wgr., situado próximo do local denominado "Pedra Bonita"; daí, segue por uma linha reta, com azimute e distância aproximados de 277°59'22" e 1.151,17 metros, até o Ponto 09 de coordenadas geográficas 09°11'14" S e 38°23'40" Wgr., situado no local denominado "Pedra Bonita". OESTE: do ponto antes descrito, segue por uma linha reta, com azimute e distância aproximados de 304°40'29" e 177,53 metros, até o Ponto 10 de coordenadas geográficas 09°11'11" S e 38°23'45" Wgr., situado na Serra do João Paulino; daí, segue por uma linha reta, com azimute e distância aproximados de 324°14'21" e 3.822,71 metros, até o Ponto 11 de coordenadas geográficas 09°09'30" S e 38°24'58" Wgr., situado no poste de energia elétrica da COELBA nº 200/11; daí, segue por uma linha reta, com azimute e distância aproximados de 31°12'22" e 364,78 metros, até o Ponto 01, início da descrição deste perímetro. Técnico responsável: Adélino de Souza, Técnico em Agrimensura, DEM/DAF/FUNAI.



- LEGENDA
- LINHA DE DELIMITAÇÃO
 - PONTO DEFINIDOR DE LIMITE
 - RODOVIA PAVIMENTADA
 - ESTRADA
 - CARRILHO
 - CURVA D'ÁGUA
 - LINHA TRANSMISSORA DE ENERGIA
 - ▲ REFERÊNCIA DE NÍVEL
 - ▲ :: MONUMENTAÇÃO CONSTRUIDA

 MINISTÉRIO DA JUSTIÇA FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI DIRETORIA DE ASSUNTOS FUNDIÁRIOS - DAF	
TERRA INDÍGENA KANTARURÉ DA BATIDA	
LOCALIDADE: NOVA OLÓRIA	PLANO Nº: DELIMITAÇÃO
MUNICÍPIO: BAHIA	SUPERFÍCIE: 1.695 ha
ESTADO: BAHIA	PERÍMETRO: 16 km
PROJETO: PAULO AFRÂNIO	ESCALA: 1/100.000
DATA: 30/11/95	DATA DE ELABORAÇÃO: 30/11/95
Nº de Processo: M - 1620	Nº de Processo: M - 1620
TÍTULO RESPONSÁVEL: ADÉLINO DE SOUZA	TÍTULO RESPONSÁVEL: ADÉLINO DE SOUZA
ENDEREÇO: RUA...	ENDEREÇO: RUA...
ENDEREÇO: RUA...	ENDEREÇO: RUA...